

Al Júlio Melo Campos - 22250349

Onça-Pintada

Onça-Pintada era uma onça como qualquer outra. Viva. Feroz. Rápida. Pintada. Histórias que meus pais diziam que era o animal mais feroz dali, e o cuidado era sempre redobrado para não conhecer uma em seus dias ruins. Porém, aconteceu comigo algo bem diferente. Lembro quando conheci uma, era apenas um filhotinho. Vivo. Temporariamente, ou não, dócil. Pequeno. Sozinho. Nunca tinha visto algo da Mãe-Natureza daquela forma. No seu redor, não havia resquício de uma mãe, uma protetora. Levei-a para a vila, onde pudesse ser cuidada.

Os meses se passaram, e ela crescia ao meu lado. Éramos um time! Pegávamos frutos de árvores para a colheita de alimentos. Éramos um time! Eu encontrava as frutas de árvores altas, e ela, já mais ágil, subia e colhia tais frutos. Pescávamos peixes e ela agia como eu. Olhava seriamente a água esperando movimento, e quando desse indício, atacava com sucesso.

Esses acontecimentos me fazem lembrar, quando eu fui à cidade grande a fim de visitar meus primos, conheci a gatinha deles, Valentina. Era uma gata muito sapeca, vivia pulando entre os móveis da casa deles, se esgueirando entre nossas pernas. Às vezes, muito preguiçosa, às vezes muito agitada, muito diferente de um gato-do-mato. Era exatamente, como a Onça-Pintada era, um gato-do-mato me dava muito mais medo. Mas ela, não.

Anos se passaram, e ela finalmente se tornara A Onça-Pintada das histórias de infância. Assim como ela, eu também cresci junto com ela, e talvez fosse a pior coisa que poderia ter feito.

Certa vez, eu estava mais ao fundo da floresta com ela, explorando como sempre fazíamos ao luar da lua. Porém, dessa vez, o destino foi cruel. Encontrei novamente, assim como no primeiro dia que eu a vi, um filhote de onça-pintada. Da mesma forma que a encontrei. Vivo. Temporariamente dócil. Pequeno..... Não sozinho. Lá estava o elemento que faltava para eu não estar contando essa história. A mãe de uma onça-pintada.

Como um instinto de mãe para defender o filhote do possível predador, eu, pulara em cima de mim com sua garras e mandíbulas. Nunca senti tanto medo como senti naquele momento, eu não havia feito, só estava na hora errada no lugar errado. Porém, eu não estava sozinho. Em um movimento rápido, a Onça-Pintada avançou na mãe, ficando entre mim e ela, conseguia sentir o seu medo, um animal tremendo perante um mais forte. A verdadeira diferença entre as duas era a vivência de uma floresta traiçoeira e animal. Mesmo tremendo, a Onça-Pintada não recuava, mas não atacava, porque nunca havia precisado. E o resto... eu já não aguento mais contar.

Assim, por ter sido cuidado fora da natureza selvagem, a Onça-Pintada nunca aprendeu sobre seus verdadeiros instintos. Caçar. Lutar. Matar para sobreviver. Quando penso isso hoje, admito culpa a mim mesmo por isso. Talvez se eu não tivesse a achado, ela poderia ser o perigo que meus pais avisavam quando eu saía à noite, talvez ela não tivesse vivido dependendo de mim, e assim pudesse estar viva. Mas não, não foi isso que aconteceu. Ela me salvou, e eu devo continuar, honrando ela até o fim de minha vida.

Eu te amo, Onça-Pintada.